

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n1.008



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## **ZELO DESTRUTIVO: QUANDO O CUIDADO COM AS COISAS DE DEUS ULTRAPASSA A VONTADE DE DEUS<sup>1</sup>**

Destructive zeal: When concern for the things of God surpasses the will of God

Samuel Cristian Hein<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O autor no presente trabalho propõe uma reflexão teológico-bíblica acerca do conceito de zelo, analisando suas expressões positivas e negativas à luz das Escrituras e de exemplos históricos relevantes. Partindo da compreensão de que o zelo é um elemento constitutivo da experiência religiosa, investiga-se como esse ardor, quando dissociado do conhecimento, da obediência e do amor, pode assumir contornos destrutivos, tornando-se um instrumento de distorção da vontade de Deus e de opressão no âmbito religioso. Inicialmente, apresenta-se uma fundamentação conceitual do zelo negativo, dialogando com a tradição cristã e com o testemunho bíblico, a fim de evidenciar suas principais características, tais como o legalismo, o formalismo, a intolerância e a instrumentalização da fé para fins pessoais, políticos ou institucionais. Em seguida, analisa-se o reinado de Saul (1Sm 13–15) como estudo de caso paradigmático do zelo destrutivo, demonstrando como a priorização do ritual, da aparência de piedade e do interesse próprio conduziu à desobediência e ao afastamento da vontade divina. Na sequência, examina-se outras manifestações históricas do zelo mal orientado, com destaque para os zelotes, cujo ardor político-religioso resultou em violência legitimada teologicamente, e para o farisaísmo, marcado pela absolutização da Lei e das tradições em detrimento da misericórdia e da justiça. O apóstolo Paulo é apresentado tanto como exemplo máximo do zelo destrutivo, evidenciado na perseguição à Igreja, quanto como testemunho da possibilidade de transformação do zelo por meio do encontro com Cristo, que ressignifica a relação com a Lei, a justiça e a missão. Por fim, aborda-se o conceito positivo de zelo, fundamentado no

<sup>1</sup> Este conteúdo é parte de um trabalho de conclusão de curso desenvolvido na Faculdade Batista Pioneira, desenvolvido no ano de 2022.

<sup>2</sup> O autor é bacharel em teologia pela Faculdade Batista Pioneira e obreiro na Igreja Batista Emanuel em Panambi. E-mail: samuelhein@hotmail.com

caráter do próprio Deus, apresentado nas Escrituras como Deus zeloso, cuja santidade e fidelidade à aliança se expressam em amor e cuidado pelo seu povo. A partir dessa perspectiva, conclui-se que o problema central não reside na intensidade do zelo, mas em sua orientação. O estudo aponta para a necessidade de um zelo equilibrado, moldado pelo conhecimento e pelo amor, capaz de promover uma vivência cristã autêntica e saudável, especialmente no contexto eclesial contemporâneo.

**Palavras-chave:** Zelo. Igreja. História. Deus.

## ABSTRACT

In this search, the author proposes a theological-biblical reflection about the concept of zeal, analyzing its positive and negative expressions in light of the Scripture and relevant historical examples. Starting from the understanding that zeal is a constitutive element of the religious experience, the study investigates how this fervor, when dissociated from knowledge, obedience, and love, can take on destructive contours, becoming an instrument for distorting God's will and causing oppression within the religious sphere. Initially, a conceptual foundation of negative zeal is presented, engaging with Christian tradition and biblical testimony, in order to highlight its main characteristics, like legalism, formalism, intolerance, and the instrumentalization of faith for personal, political, or institutional ends. Following this, the reign of Saul (1 Samuel 13–15) is analyzed as a paradigmatic case study of destructive zeal, demonstrating how the prioritization of ritual, the appearance of piety, and self-interest led to disobedience and a departure from the divine will. Then, other historical manifestations of misguided zeal are examined, highlighting the Zealots, whose political-religious fervor resulted in theologically legitimized violence, and Pharisaism, marked by the absolutization of the Law and traditions to the detriment of mercy and justice. The apostle Paul is presented both as the prime example of destructive zeal, evidenced in the persecution of the Church, and as a testament to the possibility of transforming zeal through an encounter with Christ, who redefines the relationship with the Law, justice, and mission. Finally, the positive concept of zeal is addressed, grounded in the character of God himself, presented in the Scriptures as a zealous God, whose holiness and faithfulness to the covenant are expressed in love and care for his people. From this perspective, it is concluded that the central problem does not lie in the intensity of zeal, but in its direction. The study points to the need for a balanced zeal, shaped by knowledge and love, capable of promoting an authentic and healthy Christian life, especially in the contemporary ecclesiastical context.

**Keywords:** Zeal. Church. History. God.

## INTRODUÇÃO

O autor do trabalho apresentará uma visão bíblica sobre o zelo, principalmente sobre o zelo destrutivo, em que momento foi aplicado de forma incorreta e de forma correta. Ademais, na conclusão, será apresentada uma visão acerca do equilíbrio no zelo com as coisas de Deus, mostrando como evitar chegar aos extremos e viver no centro da vontade de Deus. Será visto como muitas vezes, pelo imenso desejo de fazer o certo e zelar pelo Reino e pelas coisas de Deus, pessoas ultrapassaram a vontade de Deus e impediram o avanço e a proclamação do Evangelho. Como resposta, o trabalho terá como objetivo ser um alerta de como o zelo destrutivo tem permeado a história e como afeta a Igreja atual da mesma forma,

para que o leitor possa enxergar as perspectivas contemporâneas e buscar evitar esse mau zelo.

O assunto destacará o cuidado para com as coisas de Deus, o que a Palavra de Deus ressalta do seu começo ao fim. Neste artigo visar-se-á colaborar com estudo bíblico e com aplicação prática para o problema do zelo destrutivo, o excesso de cuidado com as coisas de Deus. Ajudará a ter uma visão e um parâmetro de como aplicar o zelo com a Igreja de forma prática, a fim de que a Igreja desenvolva um trabalho equilibrado e possa ser bênção para a sociedade. O interesse veio a partir das aulas na Faculdade Batista Pioneira e de uma conversa que despertou o interesse para o tema. Após ouvir vários exemplos práticos, seja em sala de aula ou em conversas, foi visto a necessidade de pesquisar sobre o assunto e ver como o zelo destrutivo ainda atua na Igreja e como evitar os erros do passado e do presente.

O desafio de ser equilibrado quanto ao zelo e não ultrapassar a vontade de Deus é grande. O descumprir dessa vontade traz destruição e separação ao invés de bênção e restauração. Tendo isso em mente, surge a pergunta: *“O que os textos bíblicos evidenciam sobre o zelo e como chegar a um equilíbrio?”*

No decorrer de todo o conteúdo, após os pontos necessários, será apresentado como o zelo, no contexto bíblico ou histórico vigente, se apresenta na Igreja atualmente. Isso terá como objetivo alertar o leitor de que os problemas do passado podem se apresentar com uma nova roupagem no presente. Será visto que o zelo é o inspirador de grandes projetos espirituais. Muito se pode fazer com o zelo, como levar a Igreja a vontade de Deus, mas o zelo destrutivo se mostrará e se revelará na destruição da Igreja.

## **1. O PROBLEMA DO ZELO DESTRUTIVO NA HISTÓRIA BÍBLICA DO ANTIGO TESTAMENTO E NA IGREJA**

Antes de adentrar a análise conceitual do zelo, torna-se necessário situar a relevância desse tema no âmbito da experiência religiosa cristã. O zelo aparece recorrentemente nas Escrituras como elemento que expressa intensidade, compromisso e fidelidade a Deus, sendo frequentemente associado tanto a práticas de devoção quanto a atitudes de defesa da fé. No entanto, a ambiguidade do conceito exige uma abordagem cuidadosa, pois o mesmo zelo que pode conduzir à obediência e à santidade também pode, quando mal orientado, gerar distorções teológicas e práticas religiosas nocivas. Assim, esta seção propõe uma reflexão introdutória que prepara o leitor para a compreensão das múltiplas dimensões do zelo, considerando suas expressões bíblicas, históricas e teológicas, a fim de discernir seus limites e possibilidades no contexto da fé cristã.

### **1.1 Introdução ao problema do zelo destrutivo**

O termo zelo aparece inúmeras vezes tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento, no entanto, possui diversas significações devido as terminologias derivadas da raiz *qanā* e ζῆλος (zêlos). Tratar-se-á primeiro das significações no AT. O verbo *qanā* traz os sentidos de “ter ciúme, ter inveja, ter zelo. A partir dessa raiz se tem os substantivos de

origem: *qin'â* (ardor, zelo); *qanna* (ciumento) e *qannô* (ciumento)”. As terminologias são encontradas 87 vezes<sup>3</sup>, já “a forma *qana*, ser zeloso», «ciumento», [...] ocorre trinta e quatro vezes no Antigo Testamento, conforme se vê, por exemplo, em Nm 25.11,13”<sup>4</sup>; 2Sm 21.2; 1Rs 19.10,14; Jl 2.18; Zc 1.14; 8.2”<sup>5</sup>. Indica uma forte emoção, em que o sujeito deseja uma qualidade ou até a posse do objeto. Tem um sentido positivo, quando há um zelo pela pessoa amada (Sl 69.9), e um sentido negativo, quando há paixões hostis que gerem contendas (Pv 27.4). “Talvez seja útil pensar no ‘zelo’ com o sentido original, do qual derivaram as noções de ‘zelo pelos bens de outrem’, ou seja, ‘inveja’, e ‘zelo pelos próprios bens’, ou seja, ‘ciúme’”.<sup>6</sup> “Os dois sentimentos resultam do amor caloroso e se fundem, às vezes, quando se referem às experiências de pessoas”.<sup>7</sup>

As versões em português geralmente distinguem os dois sentidos da palavra hebraica, traduzindo-a de acordo com o seu sentido no contexto. Quando é traduzida por inveja ou ciúme, entende-se logo que significa ressentimento e ódio contra um rival, receio, suspeitas e dúvidas de um espírito perturbado. Quando é traduzida por uma forma da palavra zelar, o termo geralmente significa um sentimento bom, representando o espírito ardoroso que vigia o que é sagrado e precioso.<sup>8</sup>

Um uso comum é o de “ter inveja”, como o que Raquel teve de Lia por esta poder ter filhos (Gn 30.1) e dos irmãos de José em razão dos sonhos proféticos de seu irmão (Gn 37.11). No entanto, o principal significado advém de “ciúme”. O termo é muitas vezes direcionado a Deus, pois este é descrito como marido de Israel, e tem ciúmes quando seu povo é idólatra e adúltero (Êx 20.5; Nm 11.29), o que será visto mais à frente. O substantivo mais utilizado no sentido da idolatria é “*qanna*”, que traz o sentido de ciumento. Esse substantivo aparece apenas 5 vezes no AT e é utilizado para passagens em que Deus tem ciúme do povo idólatra e adúltero. “Como um marido quer que a sua esposa lhe seja fiel e tem permissão de matá-la e a seu amante em caso de adultério, de igual modo Deus se relaciona com o seu povo”. “*Qanno*” é utilizado com o mesmo sentido. No entanto, aparece apenas duas vezes fora do Pentateuco.<sup>9</sup> Essas passagens mostram o “amável amor” de Deus pelo Seu povo. Mostra como Deus tem um cuidado constante e implacável pelos Seus.<sup>10</sup>

A última variante é “*qin'â*”: Este termo aparece quarenta e três vezes no Antigo Testamento (algumas aparições: 2Rs 10.16; 19.31; Sl 69.9; 119.139; Is 9.7; 37.32; 59.17; 63.15; Ez 5.13)<sup>11</sup>, conotando ciúme ardente, zelo, ira. Aponta alguém que está dominado de “*qana*”,

<sup>3</sup> COPPES, Leonard J. Qânâ In: HARRIS, R. L.; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1349.

<sup>4</sup> Todos os textos utilizados estão na Nova Versão Internacional, seguindo a seguinte obra: SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. **Bíblia Sagrada: nova versão internacional**. São Paulo: Vida, 2000.

<sup>5</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. Tradução de João Marques Bentes. 3.ed. São Paulo: Candeia, 1995, Vol. 6, p. 885-886.

<sup>6</sup> COPPES, 1998, p. 1349.

<sup>7</sup> CRABTREE, Asa Routh. **Teologia do Velho Testamento**. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1977, p. 107.

<sup>8</sup> CRABTREE, 1977, p. 107.

<sup>9</sup> COPPES, 1998, p. 1349-1351.

<sup>10</sup> BUCKLAND, A. R. **Dicionário bíblico universal**. 6.ed. Miami: Vida, 1981, p. 450.

<sup>11</sup> CHAMPLIN, 1995, Vol. 6, p. 885.

tanto num sentido negativo como a inveja, ira, como num contexto positivo, em que há um zelo por Deus ou de Deus com o povo (Ct 8.6). Assim, como Deus zela para com o Seu povo, ele espera que o homem retribua seu amor na forma de um “zelo” apaixonado, que defende a sua vontade e a honra frente aos ímpios.<sup>12</sup> O zelo dirigido para Deus deixa-se controlar pela vontade de Deus (Sl 69.9; 1Rs 19.10,14; 2Rs 15.16). Esse deveria ser o zelo de Israel com Deus.<sup>13</sup>

No Novo Testamento, zelo é tratado pelos radicais σπουδή (*spoudé*) e ζήλος (*zêlos*), e suas variantes. Representa um esforço intenso e sincero para um alvo. O primeiro tem sempre um bom sentido; o segundo, seja por motivos egoístas que danificam ou destroem a comunhão, carrega um sentido negativo e destrutivo. Outro termo, mas que não será abordado, advém da palavra grega *zeein* (borbulhar, ferver), em que se acha a raiz da ideia de zelo.<sup>14</sup> Tratar-se-á primeiro do radical “zêlos” e suas variantes: “ζήλος (*zêlos*), ‘zelo’; ζηλώω (*zêloô*), ‘ser zeloso’; ζηλωτής (*zêlôtês*), ‘zelote’”.<sup>15</sup>

O conceito de zelo, a partir do século V d.C., através dos autores trágicos áticos (tragédia grega), traz a ideia da extensão das emoções de alguém. Há duas significações que carregam o sentido de “esforço ansioso”, “competição”, “entusiasmo” e “admiração”, e, em contextos apropriados, “louvor”, “glória”. A conotação ruim de zelo traz a ideia de um alvo errado, conduzindo a significação de “ciúmes”, “má vontade”, “inveja”.<sup>16</sup>

Especificamente, “zelos é achado 17 vezes no NT, zelôtês 8 vezes; e as formas verbais de zeloo ou zeleo, 12 vezes”.<sup>17</sup> Algumas ocorrências aparecem em: “Atos 7.9; 17.5; I Co 12.31; 13.4; 14.1,39; II Co 11.2; Gl 4.17,18; Tg 4.2. Ver Sl 69.9 e II Co 7.7 [...] Jo 2.17 (citando Sl 69.10); At 5.17; 13.45; Rm 10.2; 13.13; I Co 3.3; II Co 7.7,11; 9.2; 11.2; 12.20; Gl 5.20; Fp 3.6; Hb 10.27; Tg 3.14,16”.<sup>18</sup> Os sentidos apresentados no parágrafo acima também são encontrados nesses textos. O mau sentido pode ser encontrado em Atos 7.9, falando acerca dos irmãos de José e em outros textos falando do ciúme dos judeus frente ao sucesso iminente dos apóstolos (também em Atos). O NT é extremamente crítico a esse tipo de ciúme, mas também pelo zelo destrutivo pela lei. Já o bom exemplo de zelo é o de Paulo que, após sua conversão, possuía um zelo à Deus (2Co 11.2) e incentivava a igreja a um zelo saudável.<sup>19</sup> “Embora o Novo Testamento não perpetue o conceito de um Deus zeloso, promove o conceito de um zelo piedoso. No Novo Testamento, o Filho de Deus (ver Jo 2.17) e os filhos de Deus (ver 2Co 7.11; 11.2) são os que se mostram zelosos na piedade”.<sup>20</sup>

A outra raiz é *spoudē* e traz as seguintes variações: “σπουδή (*spoudē*), ‘zelo’; σπουδαίος (*spoudaios*), ‘ciúmes’; σπουδάζω (*spoudazo*), ‘ser ciumento’”. Esse, por sua vez, no período

<sup>12</sup> COPPES, 1998, p. 1350.

<sup>13</sup> COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2007, Vol. 2, p. 2685.

<sup>14</sup> CHAMPLIN, 1995, Vol. 6, p. 886.

<sup>15</sup> COENEN; BROWN, 2007, Vol. 2, p. 2684.

<sup>16</sup> COENEN; BROWN, 2007, Vol. 2, p. 2684.

<sup>17</sup> COENEN; BROWN, 2007, Vol. 2, p. 2684.

<sup>18</sup> CHAMPLIN, 1995, Vol. 6, p. 885, 886.

<sup>19</sup> COENEN; BROWN, 2007, Vol. 2, p. 2684.

<sup>20</sup> CHAMPLIN, 1995, Vol. 6, p. 886.

clássico, continha o significado de apressar-se ou de um movimento rápido em direção a uma pessoa ou causa, mais adiante, como verbo, significava ainda ter ciúmes, aplicado, e como substantivo zelo, esforço. Com conotação moral expressa boa vontade, um homem virtuoso, assim como na filosofia. Para Aristóteles, alguém zeloso é um homem verdadeiramente moral, já no contexto religioso exprime envolver-se de todo o coração e até mesmo um zelo nobre”.<sup>21</sup>

No Novo Testamento, “*spoudē*” conota ‘pressa’ e o advérbio “*spoudaios*” ressalta a intensidade da pressa. Para Paulo, “*spoude*” manifesta o desejo que o cristão deve ter de viver para não perder o que lhe foi dado, atingindo, sem fracassar, o alvo proposto por Cristo. Um dom de Deus para a união (Ef 4.3), para ajudar outros cristãos (Gl 2.10; 2Co 8.7,6,16), para retificar a injustiça (2Co 7.11-12), e para liderança (Rm 12.8). Deve ser usado com total dedicação.<sup>22</sup>

O zelo é uma característica de Deus e deve ser uma característica dos Seus servos. No entanto, como visto, existe um mau zelo, que é destruidor e perigoso. O zelo por vezes é excessivo ou toma a forma de um zelo verdadeiro, quando na verdade é o contrário. É necessário conhecer o zelo destrutivo e falso para que se possa distingui-lo de um zelo verdadeiro pela causa de Deus. Beek traz três ótimas definições de Samuel Ward sobre o zelo destrutivo:

**1. O zelo simulado** olha em uma direção enquanto busca outra coisa. É o zelo hipócrita de Jeú, que, em 2Reis 10.16, se gaba de a glória do Senhor, mas na realidade tem os olhos fitos na conquista do reino. Demétrio clama louvores a Diana, mas na realidade se importa apenas com os ídolos de prata com que ela é adorada e com os quais ele ganha dinheiro (At 19.23-28). O zelo simulado finge estar buscando a glória de Deus, quando na verdade está buscando um objetivo egoísta. Assim como nesses casos vemos apenas a imagem da fé, da mesma maneira vemos apenas a exibição de zelo, mas sem sua verdadeira essência (2Tm 3.5). **2. O zelo cego** é o que Romanos 10.2 descreve como aparência de honrar a Deus, mas sem conhecê-lo de verdade. Pessoas com esse zelo fazem grandes sacrifícios, contudo caem numa cova. Elas gastam todo tipo de energia, porém, na direção errada e com o objetivo errado. Antes de o Senhor convertê-lo, o apóstolo Paulo estava inflamado de zelo cego (At 22.3.4). Ward afirma o seguinte a respeito daqueles que ardem com esse zelo cego: “Esses são os melhores soldados do diabo. Mas, quando as escamas lhes caem dos olhos e eles entram nas tendas divinas, são os melhores soldados de Deus”. **3. O zelo tumultuoso** é inveja ou ciúme amargos (Tg 3.14). Esse zelo é um fogo descontrolado, levando homens para além de todos os limites. Não é mais um bom servo, pelo contrário governa como um mau senhor. Richard Sibbes (1577-1635) escreveu: “Não existe verdadeiro zelo pela glória de Deus que não esteja ligado a um verdadeiro amor pelos homens. Por isso, não permitas que homens violentos, maldosos e insolentes jamais falem de glorificar a Deus enquanto menosprezarem homens humildes” (grifos do autor).<sup>23</sup>

<sup>21</sup> COENEN; BROWN, 2007, Vol. 2, p. 2686-2687.

<sup>22</sup> COENEN; BROWN, 2007, Vol. 2, p. 2687.

<sup>23</sup> BEEK, Joel R.; JONES, Mark. **Teologia puritana**: doutrina para a vida. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 1340-1341.



Muitas vezes o zelo está mal direcionado ou não é praticado com o conhecimento da Palavra ou da verdade e, ainda mais, alguns tristemente fingem ter zelo.<sup>24</sup> O falso zelo pode ser manifesto por conta do egoísmo do coração e embora em alguns casos seja “bom” (Rm 10.2; Fp 3.6), opera por motivos ruins.<sup>25</sup>

## 1.2 Saul (1 Sm 13-15): um estudo de caso do zelo destrutivo

Saul foi o primeiro rei de Israel. Sua caminhada começou com êxito, mas com o tempo demonstrou um coração centrado em si. Saul foi ungido rei após o povo pedir um líder, que seria singularmente príncipe sobre a herança de Deus (1Sm 9.16; 10.1). Após a libertação de Jabes-Gileade, Saul foi ungido rei com grandes responsabilidades, pois a prosperidade do povo dependia da obediência de Saul. Isso foi confirmado com uma chuva repentina e milagrosa, porque na região da Palestina não chove durante a colheita do trigo, entre 15 de maio e 15 de junho.<sup>26</sup> Através de sua vida percebe-se que certas ações aparentam zelo, mas que ocultam motivações egoístas ou outros propósitos que não a vontade de Deus: um zelo simulado.

### 1.2.1 Zelo ritual e impaciência: Saul em 1 Samuel 13

O primeiro deslize de Saul ocorreu no capítulo 13 de 1 Samuel. Saul convocou o povo para guerra em Gilgal contra os filisteus (1Sm 13.4), cujo exército era imensurável, dominava a arte de ferramentas de ferro e possuía carros de guerra e condutores (1Sm 13.5). Saul e o exército de Israel encontravam-se em uma situação complicadíssima, pois não possuíam armas e dependiam nesse quesito dos serviços dos filisteus sob altos tributos (1Sm 13.19-21). A guerra parecia perdida; apenas Saul e seu filho Jônatas possuíam espadas entre os israelitas.<sup>27</sup> “Quando os soldados de Israel viram que a situação era difícil e que o seu exército estava sendo muito pressionado, esconderam-se em cavernas e buracos, entre as rochas e em poços e cisternas” (1 Sm 13.6).

Os filisteus estavam em Micmás, e Saul temia que eles chegassem a Gilgal, que ficava cerca de 30 quilômetros a nordeste. Assim sendo, Saul e o restante de seu exército poderiam ser atacados a qualquer momento na sua própria base de operações, e uma total destruição poderia facilmente ser efetuada. Aquele lugar era uma das três cidades incluídas no circuito de Samuel como juiz (ver 1Sm 7.16). Saul tinha usado aquele lugar como quartel-general nas operações contra os amalequitas. Se os filisteus atacassem Saul em Gilgal, todo Israel se perderia no ataque. O perigo era iminente. Saul deve ter desejado obter a ajuda de Yahweh prontamente, acreditando que os sacrifícios trariam auxílio imediato.<sup>28</sup>

<sup>24</sup> **ENCICLOPÉDIA temática da Bíblia.** São Paulo: Shedd, 2012, p. 398.

<sup>25</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia.** Tradução de João Marques Bentes. 3.ed. São Paulo: Candeia, 1995, Vol. 6, p. 886.

<sup>26</sup> SCHULTZ, Samuel J. **Panorama do Antigo Testamento.** 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 78-79.

<sup>27</sup> MESQUITA, Antônio Neves de. **Estudo nos livros de Samuel:** primeiro livro dos reis de Israel. Rio de Janeiro: JUERP, 1979, p. 63.

<sup>28</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado:** versículo por versículo: Deuteronômio, Josué, Juízes, Rute, I Samuel, II Samuel, I Reis. São Paulo: Hagnos, 2001, Vol. 2, p. 1168.

Saul precisava tomar uma decisão, no entanto, deveria esperar Samuel para que o profeta oferecesse o sacrifício ao Senhor e recebesse direção divina. O prazo estabelecido era de sete dias, mas nesse momento o prazo acabara de terminar. Imagine a situação: um grande exército, mais poderoso e com melhor tecnologia está para lhe atacar, você é o responsável por tomar uma providência, mas deve esperar pelo profeta, que ainda não chegou. O que faria? Saul foi impaciente e achou que um zelo desmedido resolveria a situação.<sup>29</sup>

Oferecer sacrifícios antes de uma batalha era uma prática comum no Antigo Oriente Próximo. Os povos faziam isso para encontrar favor dos deuses e sua ajuda na batalha. Era parte fundamental na estratégia militar. Há vários exemplos nos escritos gregos (Ilíada), hititas e assírios. Para Saul, a espera pelo sacrifício estava atrapalhando a estratégia militar; então, “sua decisão de oferecer o sacrifício foi uma tentativa de obter os benefícios do ritual sem se arriscar a perder o momento estratégico de atacar”.<sup>30</sup> “Se Saul tivesse esperado apenas mais alguns minutos, nada de grave teria acontecido, mas sua impaciência lhe custou caro”.<sup>31</sup>

Saul ofereceu o sacrifício, pois em sua mente o zelo pelo ritual era mais importante do que a obediência à ordem de Deus em esperar o profeta. Saul ainda ousou dizer para Samuel que não havia obtido a benevolência de Deus.<sup>32</sup> O versículo doze ressalta esse zelo destrutivo de Saul: “pensei: Agora, os filisteus me atacarão em Gilgal, e eu não busquei o Senhor. Por isso senti-me obrigado a oferecer o holocausto” (1Sm 13.12). Baldwin comenta que Saul “poderia tê-lo feito (*sacrifício*) particularmente, como Ana fizera, sem se intrometer nas prerrogativas de Samuel. Sem dúvida, teria encontrado alívio para sua ansiedade e crescimento na fé, mas para ele o ritual correto era importante” (grifo do autor).<sup>33</sup>

No tempo de Saul, o culto não era reservado aos levitas. Davi e Salomão realizaram ações cultuais sem serem advertidos. A questão é o fundo profético e a ordem de Deus.<sup>34</sup> Samuel tinha autoridade profética, era levita e havia eclipsado o sumo sacerdócio, mas Saul não possuía nenhum direito, ainda mais quando houve uma ordem direta de Deus.<sup>35</sup> O cargo de rei não fazia com que o papel do sacerdote fosse desnecessário. A atitude de Saul custou a continuação do seu reinado através dos filhos.<sup>36</sup> “Saul esperava agradar a Yahweh e conseguir Sua ajuda contra os filisteus, e talvez fazer expiação pelos pecados que prejudicassem Israel em seu conflito”.<sup>37</sup>

A condenação que Saul recebe é extremamente pesada. Samuel o acusa de agir como tolo, no entanto, diferente da língua portuguesa que dá a ideia de alguém desprovido de inteligência, no contexto veterotestamentário, tolo traz a conotação de alguém moral e

<sup>29</sup> BALDWIN, Joyce. **1 e 2 Samuel: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 117.

<sup>30</sup> WALTON, John H. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 389.

<sup>31</sup> WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo: Antigo Testamento: volume II, histórico**. Santo André: Geográfica, 2006, vol 2, p. 230.

<sup>32</sup> BALDWIN, 1996, p. 118.

<sup>33</sup> BALDWIN, 1996, p. 118.

<sup>34</sup> CROSETTI, Giuseppe. **1-2 Samuel; 1-2 Reis**. São Paulo: Paulus, 1994, p. 50-51.

<sup>35</sup> CHAMPLIN, 2001, Vol. 2, p. 1167.

<sup>36</sup> MESQUITA, 1979, p. 62.

<sup>37</sup> CHAMPLIN, 2001, Vol. 2, p. 1167.



espiritualmente culpável.<sup>38</sup> Saul, em seu zelo destrutivo, pensava que “poderia desobedecer a Deus e escapar incólume, e que essa desobediência traria as bênçãos de Deus sobre ele e seu exército. [...] Saul foi insensato ao concluir que o sacrifício de um rei, na hora errada, era tão bom quanto o sacrifício de um sacerdote na hora certa”.<sup>39</sup>

Na sua primeira oportunidade, Saul troca o zelo por Deus e pela obediência, pelo zelo ritual e, de forma severa, Samuel mostra que na monarquia de Israel, diferente das outras, o Senhor é o rei e a obediência é dever supremo. As consequências da não obediência foram as apresentadas no começo desse ponto: a prosperidade do povo dependia da obediência de Saul. Como Saul não foi obediente, o povo foi abandonado sem nenhuma orientação para derrotar os filisteus, sendo deixados na dependência de suas capacidades.<sup>40</sup> O erro não foi realizar o sacrifício, mas sim desobedecer a ordem divina.<sup>41</sup> “Posteriormente, Samuel lembrou a Saul que o Senhor deseja obediência, não sacrifícios” (1Sm 15.22).<sup>42</sup>

Através de Saul, Deus quer continuar a levar adiante a história da salvação; o sinal manifesto desse plano divino está no fato de que o rei conseguiu realizar ações importantes em favor do povo. O rei deve, porém, mostrar-se instrumento dócil e livre nas mãos de Deus. Infelizmente é justamente essa resposta de obediência e fé que falta no comportamento de Saul.<sup>43</sup>

### 1.2.2 Zelo egoísta e voto impensado: Saul em 1 Samuel 14

A batalha do capítulo 13 prossegue no 14. Jônatas, filho de Saul, agiu em nome do Senhor e conseguiu matar vinte homens junto a seu escudeiro, provando que o Senhor tinha entregado os filisteus. Esse fato gerou medo nas tropas inimigas e, então, Saul e o os homens atacaram (1 Sm 14.1-23). No entanto, Saul, novamente por motivos egoístas, mostra um aparente zelo por Deus, pois fez o seguinte voto: “‘Maldito seja todo o que comer antes do anoitecer, antes que eu tenha me vingado de meus inimigos!’ Por isso ninguém tinha comido nada” (1Sm 14.24b). A conquista após a derrota era importante para tirar o máximo proveito do inimigo. Contudo, o processo era exaustivo e consistia em perseguição ininterrupta por colinas íngremes e batalhar por horas. Saul fez o voto de jejum para alcançar o favor divino, novamente apresentando um zelo impensado e destrutivo. Queria mostrar uma aparência de zelo por Deus, mas acabou mostrando “a tendência de Saul de estar do lado errado das coisas espirituais”.<sup>44</sup>

A prática do jejum é pouco evidenciada no antigo Oriente Próximo. Entretanto, no AT servia como um pedido dirigido a Deus. A ideia era o indivíduo preocupar-se apenas com sua condição espiritual. Antes de batalhas seria um procedimento normal, mas durante a batalha era impensável.<sup>45</sup> Saul foi movido por seu desejo de vingança e ego, não por consagração.

<sup>38</sup> BALDWIN, 1996, p. 118, 119.

<sup>39</sup> WIERSBE, 2006, Vol 2, p. 231.

<sup>40</sup> BALDWIN, 1996, p. 118, 119.

<sup>41</sup> WALTON, 2018, p. 389.

<sup>42</sup> WIERSBE, 2006, Vol 2, p. 230.

<sup>43</sup> CROSETTI, 1994, p. 50.

<sup>44</sup> BALDWIN, 1996, p. 122-123.

<sup>45</sup> WALTON, 2018, p. 392.

Queria que o povo o visse, pensando que ele era consagrado e íntegro ao Senhor, mas revelou um zelo supersticioso e destrutivo.<sup>46</sup> Usou seu voto como forma de implorar a Deus sucesso em batalha, mas os votos eram espiritualmente obrigatórios e muito sérios. Outro homem que agiu com zelo impensado ao fazer um voto foi Jefté (Jz 11.30-31), o que levou a morte da sua filha.<sup>47</sup> Saul “acreditou que seu jejum, em conjunto com a presença da arca, impressionaria o Senhor e faria com que lhes desse vitória. Porém, Jônatas e seu escudeiro já estavam desfrutando a vitória sem a arca e sem jejum!”<sup>48</sup>

Jônatas, responsável pela vitória, não sabia do voto do pai, comeu mel silvestre que escorria das árvores em um bosque onde o exército se encontrava (1 Sm 14.25-27).<sup>49</sup> A pena era a execução. Os soldados além de abatidos pela fome, ficaram também por saberem que o herói da batalha, que lhes havia concedido a vitória, deveria ser morto.<sup>50</sup>

Saul, por conta do seu zelo impensado, trouxe exaustão aos seus homens. A fome era tanta que, após tomarem os despojos e ter passado o tempo estabelecido do juramento de Saul, os soldados colocaram-se a comer carne com sangue, o que era pecado. Saul, preocupado em buscar o favor do Senhor e cumprir as exigências rituais, fez um altar para que o sangue dos animais mortos escorresse ao chão e não pecassem.<sup>51</sup> Na tradição israelita, o sangue pertencia ao doador da vida (Deus); por isso, não deveriam comer carne com sangue como o fizeram.<sup>52</sup> A consequência de Saul querer demonstrar ao povo que era zeloso, resultou no pecado do exército. Seu zelo simulado, além de trazer destruição física, impulsionou também a destruição espiritual em forma de um banquete selvagem.<sup>53</sup>

Em seguida Saul buscou orientação de Deus para continuar a perseguir o exército inimigo. Como não obteve resposta, consultou a Deus através do sacerdote para ver quem havia pecado (1Sm 14.36-37). Saul descobriu através da resposta de Deus que fora Jônatas, seu filho. Ele estava tão cego em seu zelo e “por acertar sua situação com Deus e conquistar o favor divino que decidiu que até mesmo Jônatas iria morrer”. Após pecar, no capítulo 13, agora tenta matar aquele a quem Deus usou para dar vitória ao povo, mas o exército o salvou das mãos de Saul (1Sm 14.45). Novamente seu zelo ritualístico foi colocado acima do zelo por Deus: “No que diz respeito à observância exterior do ritual religioso, ele fizera a coisa certa; contudo, havia deixado perceber a importância crucial de submeter sua vontade à do Senhor Deus de Israel”.<sup>54</sup>

Existe toda espécie de ideias tolas que se tornam dogmas religiosos sérios. Parece ser boa coisa fazer voto como incentivo a uma boa ação e então levá-lo a sério. Mas quando alguém ajunta a pena de morte contra aquele que ousa quebrar tal voto, então a fé religiosa torna-se negativa. Algumas vezes,

<sup>46</sup> WIERSBE, 2006, Vol 2, p. 236.

<sup>47</sup> CHAMPLIN, 2001, Vol 2, p. 1172.

<sup>48</sup> WIERSBE, 2006, Vol 2, p. 236.

<sup>49</sup> MESQUITA, 1979, p. 65.

<sup>50</sup> CHAMPLIN, 2001, Vol 2, p. 1172.

<sup>51</sup> BALDWIN, 1996, p. 123.

<sup>52</sup> WALTON, 2018, p. 392.

<sup>53</sup> CHAMPLIN, 2001, Vol 2, p. 1172.

<sup>54</sup> BALDWIN, 1996, p. 123-125.

pois, a fé acredita naquilo que não é verdadeiro. [...] Há uma profunda lição espiritual aqui. Os homens podem cometer erros ao tentar realizar supostas boas coisas. É fácil enganar-nos e fazer uma viagem pelo ‘ego’, ou ocultar o ódio sob a capa da espiritualidade. É fácil destruir e então dizer: “Fiz isso para Deus”. Entrementes, a única lei universal, a do amor, é esquecida.<sup>55</sup>

“Podemos prontamente ter pena de uma pessoa impulsiva e bem-intencionada, mas que comete erros tão graves. Mas será que um homem desses é a pessoa certa para ser rei? É óbvio que não”. Deus estava cada vez mais afastando Saul de seus planos.<sup>56</sup> O voto de Saul era legítimo, mas não seu coração. Deus usou essa situação para mostra-lhe que estava errado e honrar a Jônatas, que confiou e obedeceu ao Senhor. Deus mostrou que o exército amava e apoiava seu filho.<sup>57</sup>

### 1.2.3 Sacrifício sem obediência: o clímax do zelo destrutivo em 1 Samuel 15

O capítulo 15 narra um acontecimento posterior à batalha contra os filisteus. Agora a missão de Deus dada a Saul, através do profeta Samuel, era exterminar todos os amalequitas, sem exceção: “Agora vão, ataquem os amalequitas e consagrem ao Senhor para destruição tudo o que lhes pertence. Não os poupem; matem homens, mulheres, crianças, recém-nascidos, bois, ovelhas, camelos e jumentos” (1Sm 15.3). A ordem de Deus era clara e Ele já havia ensinado a Saul sobre a obediência; No entanto, novamente o zelo de Saul se encontrará deturpado e o seu reinado será arrancado de suas mãos. Saul, ao invés de matar o rei Agague, captura-o como troféu de guerra e poupa os melhores animais. Tudo que era ruim destruíram (1Sm 15.8-9). Nesse meio tempo, Deus diz a Samuel que havia se arrependido<sup>58</sup> de colocar Saul como rei, pois ele o havia abandonado e não o obedecera (1Sm 15.10-11). Samuel ficou profundamente irado e entristecido, pois o que seria da nação sem o rei? Como Deus havia “mudado” seus planos? Será que Samuel falhara em ungir Saul como rei? Nada escapa aos olhos de Deus e tudo está debaixo de seu controle.<sup>59</sup>

Quando Samuel vai ao encontro do rei, ao invés de encontrar um homem temeroso, é recebido entusiasticamente por Saul. Assim que o rei é questionado: “que balido de ovelhas é esse que ouço com meus próprios ouvidos? Que mugido de bois é esse que estou ouvindo?” (1Sm 15.14), sua resposta demonstra motivações egoístas disfarçadas de zelo: “Respondeu Saul: ‘Os soldados os trouxeram dos amalequitas; eles pouparam o melhor das ovelhas e dos bois para sacrificarem ao Senhor, o teu Deus, mas destruímos totalmente o restante’” (1Sm 15.15).<sup>60</sup> A palavra “teu Deus” revela o coração de Saul, mostrando mais motivações próprias do que vontade de sacrificar ao Senhor. E, nos versículos 17-21, mesmo após receber uma

<sup>55</sup> CHAMPLIN, 2001, vol. 2, p. 1172.

<sup>56</sup> CARSON, D. A. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 474.

<sup>57</sup> WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 237.

<sup>58</sup> Então arrependeu-se o Senhor de haver escolhido Saul. Não se tome esta atitude de Deus como a do homem. Significa que Deus tomou uma determinação que não deu certo por causa do homem. No tocante ao homem, o arrependimento é mudança de mente e coração, quando Deus anula qualquer sentença contra ele. Não se dá assim com Deus, que não pode mudar nem alterar a sua mente. É mais uma forma de falar em termos humanos, para demonstrar o seu desgosto, por qualquer falta em seu governo (BALDWIN, 1996, p. 128-129).

<sup>59</sup> BALDWIN, 1996, p. 128-129.

<sup>60</sup> MESQUITA, 1979, p. 69.

repreensão dura do profeta, Saul coloca a culpa em seus soldados, dando desculpas, dizendo que estes é que haviam capturado os animais.<sup>61</sup>

No versículo 22, na resposta do profeta, encontra-se o erro no zelo de Saul. Erro que este cometeu em todos os capítulos analisados: “Samuel, porém, respondeu: ‘Acaso tem o Senhor tanto prazer em holocaustos e em sacrifícios quanto em que se obedeça à sua palavra? A obediência é melhor do que o sacrifício, e a submissão é melhor do que a gordura de carneiros’”.

Num pronunciamento profético memorável, Samuel declara de modo definitivo a futilidade de tentar depender do sacrifício ritual, quando o que se requer é a obediência. Nenhum cerimonial poderá compensar uma atitude rebelde contra Deus e Seus mandamentos, porque a resistência obstinada a Deus exalta a vontade própria e coloca-a no lugar de autoridade, que pertence unicamente a Deus.<sup>62</sup>

No Antigo Oriente Próximo, o sacrifício e a obediência estavam intrinsicamente ligados. A divindade poderia ser beneficiada com os despojos e com os sacrifícios rituais. É provável que Saul tinha entendido assim e não que a obediência poderia ser uma alternativa separada do sacrifício.<sup>63</sup> A antiga fé hebraica também era um sistema em que o ritual e o sacrifício eram colocados na mesma posição, mas os profetas trouxeram luz ao que realmente Deus queria com isso: a obediência. Champlin, citando Irineu, afirma que “nos sacrifícios, um homem oferece somente carne estranha, ao passo que, na obediência, oferece sua própria vontade”.<sup>64</sup> Saul foi condenado por falta de fé e obediência, o que permeia toda a Escritura, principalmente em Cristo através de sua vida. Como bem resume Hebreus 10.5-10:<sup>65</sup>

Por isso, quando Cristo veio ao mundo, disse: “Sacrifício e oferta não quiseste, mas um corpo me preparaste; de holocaustos e ofertas pelo pecado não te agradaste. Então eu disse: Aqui estou, no livro está escrito a meu respeito; vim para fazer a tua vontade, ó Deus”. Primeiro ele disse: “Sacrifícios, ofertas, holocaustos e ofertas pelo pecado não quiseste nem deles te agradaste” (os quais eram feitos conforme a Lei). Então acrescentou: “Aqui estou; vim para fazer a tua vontade”. Ele cancela o primeiro para estabelecer o segundo. Pelo cumprimento dessa vontade fomos santificados, por meio do sacrifício do corpo de Jesus Cristo, oferecido uma vez por todas (Hb 10.5-10).

“Há nesta história uma lição importante a observar: Deus quer lealdade à Sua palavra, e não propriamente ofertas. Estas são boas e úteis quando a vida está em conformidade com o desejo divino”.<sup>66</sup> Saul precisou arcar com as consequências de seus atos. Sua descendência foi tirada do poder e agora ele é rejeitado como rei. Saul queria fazer o certo, mas de modo errado. Teve um zelo impensado. Esperou Samuel sete dias, mas não com paciência. Quis cumprir o juramento que havia realizado, mesmo que custasse a vida de seu filho e não deixou

<sup>61</sup> BALDWIN, 1996, p. 129-130.

<sup>62</sup> BALDWIN, 1996, p. 130.

<sup>63</sup> WALTON, 2018, p. 394.

<sup>64</sup> CHAMPLIN, 2001, vol 2, p. 1177.

<sup>65</sup> CROCETTI, 1994, p. 52-53.

<sup>66</sup> MESQUITA, 1979, p. 68-69.

que os soldados transgredissem a lei ritual comendo carne com sangue. E, por último, apontou o sacrifício como melhor que a obediência.<sup>67</sup> Seu erro consistiu em trocar o zelo pela obediência por seu zelo ritual, ou até mesmo disfarçar sua ganância aparentando zelo. O sucesso e o reconhecimento público foram insuficientes para esconderem sua falta de caráter.<sup>68</sup>

A história de Saul pode parecer injusta para alguns, uma vez que Davi cometera pecados terríveis dos quais Saul nunca foi culpado, recebeu perdão do Senhor e ainda manteve Bateseba. Por que, então, Saul é julgado com tanta severidade, mesmo buscando corresponder e buscar direção do Senhor? Há autores como David Gunn que dizem que talvez Saul estava predestinado ao fracasso, outros que no seu íntimo era incompetente para o cargo.<sup>69</sup> Todavia, com as análises até aqui feitas dos textos sob a perspectiva do zelo, vê-se que o zelo de Saul era destrutivo e não estava no lugar certo. Saul não se arrepende como Davi se arrependeu e não deixa com que Deus transforme seu zelo para a obediência.<sup>70</sup>

É um erro humano frequente achar que Deus ignorará e perdoará todos os pecados de alguém desde que tal pessoa tenha o cuidado de frequentar o santuário (ou igreja) e de oferecer sacrifícios (ou hinos de louvor). Vários profetas do AT tiveram de confrontar esse raciocínio falso; Amós chegou a descrever Deus, dizendo que ele “aborrecia” e “desprezava” festas, sacrifícios e oferendas religiosos (Am 5.21-24). De igual maneira, tendemos a pensar que a falsa adoração é o pior pecado possível contra Deus; Samuel disse que a desobediência arrogante é igualmente ruim.<sup>71</sup>

#### **1.2.4 Implicações eclesiológicas do zelo destrutivo: de Saul à Igreja contemporânea**

Toda a história do declínio do reinado de Saul aponta para um ponto crucial dos dias atuais: como o falso zelo destrói a Igreja. “A adoração cristã de hoje deve ir além da mera execução de uma liturgia. Devemos adorar a Deus ‘em espírito e em verdade’ (Jo 4.24), ‘Louvando a Deus [...] com cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração’ (Cl 3.16)”. Deus espera um verdadeiro zelo, uma fé sincera que não busca benefícios próprios ou mostrar uma falsa espiritualidade. A Igreja da atualidade vive uma linda vida religiosa, mas em muitos casos não passa de algo externo. A verdadeira adoração faz-se no coração.<sup>72</sup> “Deus espera que o homem retribua ao seu amor. O amor, no entanto, não é meramente uma emoção. É uma relação estruturada. Amar a Deus é obedecer-lhe. De sorte que o vocábulo é empregado para denotar um ‘zelo’ apaixonado e ardente por Deus”.<sup>73</sup>

Esse zelo destrutivo demonstra-se na vida prática de forma alarmante, quando a forma toma o lugar da essência e a religiosidade o lugar da obediência a Deus. Pode-se ver muitos que chegam a cultos “arrepentidos”, com cara e roupa de adorador, mas muitas vezes as

<sup>67</sup> BALDWIN, 1996, p. 130-133.

<sup>68</sup> SCHULTZ, 2008, p. 79.

<sup>69</sup> BALDWIN, 1996, p. 133-135.

<sup>70</sup> MESQUITA, 1979, p. 69.

<sup>71</sup> CARSON, 2009, p. 476.

<sup>72</sup> WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 240.

<sup>73</sup> COPPES, 1998, p. 1350.

mãos que se levantam para adorar a Deus no culto são as mesmas usadas para acessar sites pornográficos ou bater na mulher. A mesma voz que declara que Deus é Senhor é a que fala palavrões, tem conversas indecentes no ambiente de trabalho, ferem aos pais, líderes e todos a volta. A boca que proclama verdades sobre Deus é usada também para mentir e acusar o próximo. O zelo destrutivo de Saul é visto naqueles que leem a Bíblia de manhã e em seguida brigam com seus pais ou cônjuges, que oram a tarde, mas a noite entregam seus corpos ao prazer do mundo. Nesse momento, o sacrifício tomou o lugar da obediência e a vida cristã não passou de um mero formalismo, de um falso zelo que destrói o Evangelho.<sup>74</sup>

### 1.3 Zelotes

Um exemplo de zelo destrutivo também são os zelotes. Como visto anteriormente, zelote advém do termo “*qana*” e “*zêlôtês*”. Os zelotes eram um grupo judaico que, por um forte zelo pela nação de Israel, eram totalmente contra o jugo imposto por Roma e outras nações. Josefo conta que o movimento começou quando os romanos mandaram dois representantes (Copônio e Quirino), para fazer um recenseamento e anotar as propriedades judaicas a fim de cobrar impostos. Judas, um líder judeu, não aceitou de bom grado, e devido ao seu zelo pela nação e ódio pelos dominadores, voltou o povo contra Roma.<sup>75</sup> Judas interpretava o primeiro mandamento como sendo decisivo para a sua posição, pois entendia que ninguém deveria ser honrado como rei ou senhor. Sendo assim, pagar impostos constituiria em idolatria. O movimento foi tão forte que os zelotes entregavam suas vidas por sua crença. O movimento durou de Judas (6 a.C.) até os defensores da fortaleza de Massada (74 d.C.).<sup>76</sup>

O movimento, embora semelhante ao zelo dos fariseus, não pode se relacionar a esse grupo, pois os fariseus aguardavam a intervenção de Deus quanto ao domínio estrangeiro e não usavam força para isso.<sup>77</sup> Ainda menos relacionado com esse movimento foi Jesus; embora um dos seus discípulos havia feito parte desse movimento. O ensino de Jesus quanto ao tributo a César (Mc 12.13-17), sua posição quanto ao sábado (Mc 2.23-27) e a lavagem cerimonial (Mc 7.15) atestam exatamente o oposto ao movimento.<sup>78</sup>

Simão era o discípulo que fez parte do movimento dos zelotes. “Este nome lhe foi dado, ou porque ele era membro da seita judaica dos *zelotes*, os extremistas no repúdio da dominação romana, ou porque ele manifestava ardente zelo na obra da evangelização” (grifos do autor).<sup>79</sup> A maioria dos autores defende que ele participou do grupo dos zelotes antes de ser chamado por Jesus.<sup>80</sup> Ao converter-se, Simão teve sua vida transformada e abandonou o

<sup>74</sup> SOEIRO, Rodrigo. **Obedecer é melhor que sacrificar**. Igreja Central, ago. 2015. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=W3tESKXiaJ0&ab\\_channel=IGREJACENTRAL](https://www.youtube.com/watch?v=W3tESKXiaJ0&ab_channel=IGREJACENTRAL)>. Acesso em: 21 jun. 2022.

<sup>75</sup> CHAMPLIN, 1995, vol. 6, p. 886-887.

<sup>76</sup> COENEN, 2007, p. 2685-2686.

<sup>77</sup> CHAMPLIN, 1995, vol. 6, p. 887.

<sup>78</sup> COENEN, 2007, p. 2686.

<sup>79</sup> BUCKLAND, 1981, p. 450.

<sup>80</sup> CHAMPLIN, 1995, vol. 6, p. 886.



fanatismo e a violência, pois o seu zelo foi transformado por Deus. Entendeu que a conquista do mundo não era por força, mas pelo Espírito Santo (Zc 4.6).

O zelo destrutivo dos zelotes gerava morte e destruição, tanto espiritual quanto física. Observavam rigorosamente o sábado e a circuncisão era exigida até dos pagãos. Usavam violência física, força e até mesmo intrigas para libertar Israel. O grupo apelava “para ataques terroristas e que não hesitava em resistir às autoridades romanas das mais ousadas e atrevidas maneiras”. Não pagavam impostos e até mesmo assassinavam oficiais do governo e lutavam contra o idioma grego (“símbolo de dominância”). Seu zelo estava tão distorcido que até mesmo prediziam que o tempo da salvação estava próximo. No entanto, criam que a salvação se resumia em liberdade política e do domínio estrangeiro, o que só seria conquistado rejeitando os outros governos.<sup>81</sup>

#### 1.4 Farisaísmo (Lc 18.9-17; Mt 23)

Os fariseus (Φαρισαῖος) tiveram a sua origem no grupo dos “*hberim*” (confederados). Por conta de o povo não guardar a lei. Esse grupo separou-se, a fim de seguir com exatidão a lei, apresentando uma comunidade pura para a vinda do Messias.<sup>82</sup>

##### 1.4.1 O zelo farisaico

Para eles, tanto a lei escrita como a lei oral (passada pelos mestres) tinha validade. A lei deveria ser interpretada como os escribas a interpretavam.<sup>83</sup> Eram excelentes observadores da lei, adotando métodos mais rígidos possíveis e sendo o maior poder espiritualmente formativo da época de Jesus. Contudo, passaram a ser um grupo de formalismo severo, estreito e rígido, importando-se mais com a forma do que com a essência, com o tradicionalismo do que com as pessoas.<sup>84</sup> “Mostravam zelo especial ao insistir que as leis do dízimo e do ritual de purificação fossem mantidas (Mt 23.23-26; Mc 7.1-13; Lv 11.37-42; 18.12)”.<sup>85</sup> Por serem os porta vozes da população, carregavam grande autoridade, mas ao longo do tempo os propósitos originais do grupo perderam-se e viraram um grupo extremamente ritualístico.<sup>86</sup>

Para exemplificar, eles determinaram trinta e nove tipos de ação que, supostamente, eram proibidos para o dia do sábado. Além dessas elaborações, eles também aumentavam a importância da lei, criando analogias, de tal modo que coisas que muitas pessoas sérias nem levariam em conta, eles transformavam em questões importantes. Em sua ignorância, após tantos acréscimos feitos por eles, ainda afirmavam que sua doutrina era antiga, procedente de Moisés, como preceitos dados no monte Sinai.<sup>87</sup>

<sup>81</sup> CHAMPLIN, 1995, vol. 6, p. 886-887.

<sup>82</sup> MULLER, D. Fariseu. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, vol. 1, p. 798-801.

<sup>83</sup> YOUNGBLOOD, Ronald F (org.). **Dicionário ilustrado da bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 552.

<sup>84</sup> MULLER, 2000, p. 798-801.

<sup>85</sup> YOUNGBLOOD, 2004, p. 553.

<sup>86</sup> CHAMPLIN, 1995, vol. 6, p. 689.

<sup>87</sup> CHAMPLIN, 1995, vol. 6, p. 689.

Todos os evangelhos mencionam os fariseus, assim como Paulo em algumas de suas cartas. Jesus foi alguém que lutou fortemente contra o farisaísmo, pois, em sua busca zelosa e ardente pela lei, acabaram endurecendo-se em um formalismo religioso, fazendo o contrário daquilo que desejavam: agradar a Deus. Seu zelo cego estava sendo destrutivo, tanto que os “ais” de Jesus apresentam uma condenação bem marcante (Mt 23; Jo 3.1,4,9; 7.50; 11.46-47,57; 19.39). Embora Jesus os condenasse, Lucas traz a visão de que Ele também demonstrava amor comendo e conversando com eles. Havia até mesmo fariseus cristãos e alguns chegaram a avisar Jesus dos atentados contra Sua vida.<sup>88</sup>

Um dos grandes erros dos fariseus era colocar a lei escrita e a oral com a mesma autoridade divina. Para o grupo, cumprir a lei é expressão do amor de Deus, uma dádiva. Também viam “a aderência à tradição oral, com as suas regras para a interpretação da Lei, como o caminho para o cumprimento da Torá”.<sup>89</sup> Criam que o jejum, as esmolas, as abluções e as confissões fossem o suficiente para apagar seus pecados e também criam que os pensamentos em si não eram pecaminosos.<sup>90</sup> Jesus, em contrapartida a essa visão deturpada, em Mateus 12.7, cita Oséias 6.6: “Pois desejo misericórdia, não sacrifícios”. Assim como no caso de Saul, Jesus rejeita esse tipo de atitude.<sup>91</sup>

Jesus também detestava como, em seu zelo pela lei e não pela lei do amor, excluíam os pecadores e os de má reputação (Mt 9.11; Mc 2.6; Lc 5.30). “Os fariseus preocupavam-se com o julgamento divino, o perdão e com a nação santa de Israel, mas sua atitude era negativa: a separação e a preocupação com as minúcias da Lei”. Pelo contrário, Jesus demonstra um zelo construtivo e amoroso, sarando as doenças, curando os que necessitavam e levando salvação a todos.<sup>92</sup>

Embora fossem sinceros em sua busca, o modo como entendiam a Deus e a Lei, fez com que ficassem cegos em seu zelo. Basearam-se em seus méritos e no orgulho. O que tanto procuravam estava na pessoa de Cristo, revelada em carne a eles, mas por conta de sua cegueira condenaram Ele a morte, agindo contra o próprio Deus por quem tanto zelavam. Sua história é triste e mostra como um zelo cego pode destruir o que é essencial, ou seja, “destruiu” ao próprio Deus. “A preocupação deles com o cumprimento preciso de cada mandamento ficou sendo um fim em si mesmo, que impedia que eles mesmos entrassem no reino de Deus, e que eles deixassem outros entrarem”.<sup>93</sup> “A salvação que tão ciosamente pretendiam possuir contra os gentios, agora chegou aos gentios, sendo os judeus, por isso, obrigados a arder de inveja contra eles (Rm 10.19; 11.11).” A única forma de contornar isso seria juntar-se aos gentios para participar da salvação em Cristo.<sup>94</sup>

<sup>88</sup> MULLER, 2000, p. 801.

<sup>89</sup> MULLER, 2000, p. 801-802.

<sup>90</sup> BUCKLAND, 1997, p. 157.

<sup>91</sup> WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 239, 240.

<sup>92</sup> MULLER, 2000, p. 801-802.

<sup>93</sup> MULLER, 2000, p. 802.

<sup>94</sup> BAUER, 1978, p. 1172-1173.

#### 1.4.2 O farisaísmo contemporâneo: legalismo, tradição e exclusão na Igreja

Alguns cristãos de hoje em dia não se distanciam em muito dos fariseus. São zelosos pela palavra e pela lei, mas muitas vezes perdem-se em seu zelo sem perceber. A tarefa da Igreja é ajudar aqueles que estão aflitos, com suas almas paralisadas; mas, ao invés disso, cai em um zelo pela doutrina e esquece do ferido e perdido. “Os adversários de Jesus estavam bem-intencionados, mas mal orientados. Todas as pessoas têm intenções boas, mas o mundo não sofre nenhuma transformação profunda por causa dessas intenções boas”.<sup>95</sup>

Os adversários de Jesus aparentemente não estavam na sinagoga para aprender, ensinar ou adorar a Deus, mas para observar o que estava para acontecer e proferir uma sentença (3.2). Quando nós vamos à igreja, devemos ter um sentimento de amor fraterno (Hb 10.24). Muitas pessoas vão à igreja para observar como o próximo está vestido, para observar erros de português na pregação do pastor, para tecer críticas a quem está ministrando louvor... e assim humilhando quem está em busca de alívio para seu sofrimento.<sup>96</sup>

Os sistemas criados pelas Igrejas muitas vezes colocam barreiras e as pessoas não conseguem achar ajuda. Do mesmo modo que os fariseus, os interesses próprios causam um zelo destrutivo. A Igreja deve ser o centro de restauração. Muitas vezes, é a última esperança de uma alma que não achou saída em nenhum outro lugar.<sup>97</sup> “Quando alguém chega até a igreja, é porque não vê mais saída para sua vida em nada, apenas em Jesus”. Se a Igreja se mostra zelosa com suas leis e práticas sem olhar para os outros como os fariseus, essa pessoa em busca de respostas pode nunca mais encontrar o Evangelho, pois quando achou que encontraria a resposta na Igreja, acabou não achando. Ao invés do Evangelho, encontrou apenas regras e práticas vazias. A lei sem o amor é vazia e as estruturas e as regras devem servir para alcançar o perdido, mas por vezes a Igreja cai no erro de odiar aqueles que abrem mão do tradicionalismo para alcançar vidas perdidas.<sup>98</sup>

Barclay afirma que o homem que “coloca as suas próprias ideias no lugar que Deus deve ocupar, seguindo teimosamente o seu caminho, está prestes a atingir uma condição em que seu coração se tornará petrificado, em que seu coração e sua consciência se tornarão insensíveis e seus olhos ficarão cegos”.<sup>99</sup> O poder dos fariseus foi confrontado quando Jesus e seus seguidores agiram diferente do que esperavam. Como revolta, manipularam as multidões para crucificar a Cristo, pois queriam proteger seu status, defender o seu tradicionalismo e sua organização religiosa. Assim ocorre nos dias de hoje, quando líderes também por estarem firmados nos sistemas que construíram, tentam de tudo para acabar com a vida daqueles que tentam modificar seu sistema religioso e o seu tradicionalismo. Jesus

<sup>95</sup> SCHACH, Vanderlei A. **Fariseus e Jesus: teologia e espiritualidade em relação ao sábado a partir de Mc 3.1-6: características e avaliação crítica**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2007, p. 109.

<sup>96</sup> SCHACH, 2007, p. 109-110.

<sup>97</sup> WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia**. São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 313-316.

<sup>98</sup> SCHACH, 2007, p. 110-112.

<sup>99</sup> BARCLAY, W. **Palavras chaves do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 171.

deve ser o ponto focal e não a tradição, pois Cristo não compartilha a Sua glória com mais ninguém. Jesus alerta: líderes, não sejam como os fariseus.<sup>100</sup>

O zelo destrutivo dos fariseus se reflete na destruição de vidas em nome da tradição e da “doutrina”. É visto quando um pai castiga severamente seu filho adolescente por não participar do culto doméstico ou na consternação de um pai porque seu filho é muito novo e quer se batizar. Esse zelo destrutivo é notado quando o valor do exterior se sobrepuja ao do interior, “valendo mais o corpo do que o espírito; a frieza da ortodoxia interceptando o calor da verdadeira fé”. Infelizmente nesse modelo de zelo, as regras têm mais peso do que a Palavra de Deus e a vida humana. “Códigos de ética alienados da graça exigem padrões que superestimam a justiça humana e subestimam a misericórdia divina. Faz vão todo esforço para satisfazer modelos legalistas. De que vale a intensidade do ritual sem o mérito do Calvário?”<sup>101</sup>

Pode uma doutrina contaminar-se culturalmente? Se a santificação (doutrina) depende do véu ou do corte de cabelo (cultura), já está afetada pelo irrelevante. De igual modo a oração (doutrina), se tem que ser com os joelhos em terra (cultura). Riqueza de forma e pobreza de conteúdo é formalismo. Exterior plenificado e interior vazio é prazer ilusório e efêmero. Por vezes o ativismo, em vez de promover crescimento, leva à formalidade. É o caso do irmão que não perdia um culto sequer, não obstante trabalhando o dia todo. Do emprego ia direto às reuniões, elogiado por esse invejável desprendimento, um belo dia (belo ou feio?), alguém da família procurou o pastor e relatou as negligências daquele membro da igreja como esposo e pai.<sup>102</sup>

Jesus sempre colocou as pessoas como prioridade e só depois as tradições e as regras. “Em termos práticos, isto quer dizer que o líder, às vezes, tem de quebrar as tradições ‘sagradas’ e derrubar barreiras. E isso, não raro, requer muita coragem”. É necessário ressaltar que as tradições podem trazer e trouxeram grandes benefícios ao longo da história, pois foram adotadas em momento de necessidade quando trouxeram benefícios às pessoas e ao Reino, gerando estabilidade e raízes profundas. O problema é quando elas são mantidas e, ainda, mantidas acima do benefício às pessoas e ao Reino.<sup>103</sup>

Jaime Kemp traz um triste exemplo do que o tradicionalismo pode fazer atualmente:

Em uma dessas visitas, a igreja do integrante da equipe era das mais formais. Não sem certo constrangimento e nervosismo, chegamos sob muita oração para participar de um culto. Um outro jovem do grupo convidara suas tias descrentes para assistir à apresentação. Seria a primeira vez que elas entrariam em uma igreja evangélica. Bem, não é fácil frear o entusiasmo de dezoito, vinte jovens. Fazendo o máximo para manter a formalidade exigida, preparamos tudo para o início do culto. À porta de entrada do santuário, dois diáconos se postavam, um de cada lado, em postura que me foi inevitável lembrar dos guardas da entrada do Palácio de Buckingham, na Inglaterra. E foi nesse clima que as tias descrentes daquele outro jovem da equipe

<sup>100</sup> RINEHART, 2021, p. 130-131.

<sup>101</sup> REIS, Francisco Mancebo. **Além da letra**: reflexões sobre a palavra viva e eficaz. Rio de Janeiro: JUERP, 2004, p. 87-89.

<sup>102</sup> REIS, 2004, p. 89.

<sup>103</sup> YOUSSEF, Michael. **O estilo de liderança de Jesus**. Belo Horizonte: Betânia, 1987, p. 65-66.

chegaram. Elas tinham subido as escadas e estavam atravessando o átrio e se dirigindo à porta do salão de cultos, quando de forma (digamos...) não *muito* sábia, um dos diáconos as barrou dizendo: — Minhas senhoras, desculpem, mas não poderão entrar de calça comprida — e apontou para um quadro onde se lia: ‘NO SANTUÁRIO VOCÊ: NÃO PODE VESTIR CALÇA COMPRIDA, NÃO DEVE... NÃO..., NÃO..., NÃO...’ — Se as senhoras quiserem — continuou ele — poderão ouvir o programa em um dos salões do andar inferior. O alto-falante estará transmitindo toda programação. Aquelas senhoras, como já disse, nunca haviam entrado em uma igreja evangélica e não entendiam nada sobre rituais e formalidades. Sentiram-se rejeitadas, deslocadas e, talvez, até discriminadas. Entreolharam-se e sem titubear preferiram ir embora. Assim, duas vidas perderam uma ótima oportunidade de ouvir o Evangelho. Pergunto-me: será que depois disso, elas sentiram alguma vontade de visitar novamente qualquer outra igreja evangélica?<sup>104</sup>

Como o referido autor destaca em seu livro: “É lamentável prestarmos mais atenção e sermos mais dedicados à obediência das tradições do que ao amor pelas pessoas carentes de Cristo. Para o inferno com nosso cerimonialismo, legalismo e formalismo!” As palavras dele foram duras, mas uma coisa é certa - as de Jesus contra os fariseus foram muito piores. É preciso agir diferente para que não se ouçam essas duras palavras de Cristo contra a Sua Igreja hoje.<sup>105</sup>

## 1.5 Paulo

Paulo nasceu em Tarso, incorporada na província da Síria. Nasceu como cidadão romano e seus pais eram extremamente religiosos. Paulo foi instruído aos pés de Gamaliel desde sua mocidade, dedicando-se fervorosamente aos ensinamentos judaizantes, sendo conhecido como um homem de grande zelo religioso.<sup>106</sup> Ele provavelmente era membro do Sinédrio, pois recebera a função de sumo sacerdote para a perseguição, assim como devia ter um cargo de grande influência. O ensino dos doutores resultou em um ardente zelo pela defesa das tradições dos antepassados.<sup>107</sup>

### 1.5.1 Perseguidor de Deus

O apóstolo pertenceu ao grupo mais radical do farisaísmo, o qual se importava com o zelo e gostava de ser chamado de “zelotes, zelosos”. Devido ao seu zelo, ficaram enfurecidos com a pregação de uma mensagem contraposta à lei, de que os cristãos-judeus anunciavam um Messias maldito pela lei por conta de sua morte de cruz (Dt 21.22-23; Gl 3.13). E, ainda, pregavam salvação aos gentios, o que fez com que os fariseus se tomassem de um zelo radical e perseguissem os cristãos severamente (At 11.1-2; 15.1-2,5).<sup>108</sup> A perseguição foi a válvula de escape para o zelo ardente de Paulo pelas tradições judaicas e pela lei. Israel só sobreviveria

<sup>104</sup> KEMP, Jaime. **Pastores em perigo**: ajuda para o pastor, esperança para a igreja. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 153-154.

<sup>105</sup> KEMP, 2006, p. 154-155.

<sup>106</sup> CHAMPLIN, 1995, vol. 5, p. 120-121.

<sup>107</sup> DAVIS, John D. **Dicionário da Bíblia**. Rio de Janeiro: JUERP, 1989, p. 449.

<sup>108</sup> POHL, Adolf. **Carta aos Gálatas**: comentários esperança. Curitiba: Esperança, 1999, p. 50-51.

se os seguidores de Jesus fossem aniquilados.<sup>109</sup> Jesus pronunciou: “virá o tempo quando quem os matar pensará que está prestando culto a Deus” (Jo 16.2). Parece que isso se cumpriu em Paulo. Mesmo após os judeus conseguirem limpar a “cidade santa” da “heresia”, Paulo ainda queria todos os outros adeptos mortos, o que o levou a Damasco.<sup>110</sup>

No texto de Filipenses 3.4-6, observa-se como Paulo possuía motivos para se orgulhar de suas raízes farisaicas e de seu zelo pela lei. Ele ia muito além dos líderes religiosos da época e, se a questão fosse méritos e qualificações, importantíssimos para os fariseus, Paulo tinha-os de sobra.<sup>111</sup> Circuncidado ao oitavo dia, como exigia a lei (Lv 12.3), pertencente a tribo de Benjamin, possuindo raízes antigas no povo de Deus. “Paulo não era, pois, um convertido à fé judaica, admitido a raça como adulto, como prosélito. Ele nascera judeu, da linhagem de Israel. Ser israelita, membro da nação eleita, era motivo de orgulho”<sup>112</sup>; era fariseu, ou seja, cuidava e guardava toda a lei com zelo, fazendo o que achava ser a vontade de Deus com fervor. Se alguém podia orgulhar-se do seu zelo, esse era Paulo. Ele levou tão a sério o seu zelo que foi perseguidor da Igreja.<sup>113</sup>

Paulo sabe o que significa realmente levar a sério toda a lei. Ele próprio fora fariseu. Havia levado esse zelo pela lei radicalmente a sério. Por isso ele não combateu apenas com palavras os cristãos, esses sonhadores, que de forma tão ridícula quanto blasfema pretendiam ver em um criminoso vergonhosamente executado o Messias de Israel, o filho do Exaltado, mas também tentou exterminá-los sistematicamente.<sup>114</sup>

O verbo *dioko* (caçar) é a expressão para designar a perseguição de Paulo. Mostra o rigor do apóstolo para combater as “heresias” pregadas pelos discípulos de Jesus. Paulo estava cego, achando que agradava ao Senhor, quando na verdade perseguia o próprio Senhor (At 9.4-5; 1Co 8.12; 1Tm 1.12-15). A consciência de Paulo estava limpa, agia em pleno zelo pela Lei da qual era profundo estudioso, sendo considerado irrepreensível.<sup>115</sup>

A frase apresentada em Gálatas 1.13, “como perseguia com violência a igreja”, vem da frase grega “*kath hyperbolon*”, que significa “ir além das medidas, excessivamente”. Mostra a severidade e o entusiasmo gerado pelo seu tremendo zelo, que pode levar um homem a destruir sobremaneira a outros. Paulo percebeu mais tarde que esse ato foi longe demais até mesmo para um judeu piedoso.<sup>116</sup>

“Com veemência cada vez maior ele foi tomado pelo ‘zelo por Deus’ (Rm 10.2), assim como ele o entendia naquele tempo. No pretense serviço a Deus, ele perseguiu a igreja de Deus”.<sup>117</sup> “Como isso poderia ser compreendido: Paulo, devotado a Deus e, apesar disso, um

<sup>109</sup> YOUNGBLOOD, 2004, p. 1086.

<sup>110</sup> POHL, 1999, p. 50-51.

<sup>111</sup> MARTIN, Ralph P. **Filipenses**: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1985, p. 141.

<sup>112</sup> MARTIN, 1985, p.141-142.

<sup>113</sup> HAHN, Eberhard. **Cartas aos Efésios, Filipenses e Colossenses**: comentário esperança. Curitiba: Esperança, 2006, p. 234-235.

<sup>114</sup> HAHN, 2006, p. 234-235.

<sup>115</sup> MARTIN, 1985, p. 142-143.

<sup>116</sup> GUTHRIE, Donald. **Gálatas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 80.

<sup>117</sup> POHL, 1999, p. 52.



atroz rebelde contra a causa sagrada de Deus?” Como visto anteriormente, os fariseus criam que cumprir a lei era amar e fazer a vontade de Deus. Neste sentido, Paulo entendeu que:

Quem realmente ama a lei de Moisés (a Torá) e teme ao extremo a sua violação, poderá ser reconhecido pelo fato de que também cumpre essas determinações adicionais. Disso resultava tamanha concentração nos acréscimos que esses alcançaram praticamente o predomínio. A halaká superou a Torá. Paulo estava totalmente possuído por esse ideal. Ele correspondia à sua mais profunda percepção de fé e, naquela época, não significava um peso para ele, mas segundo Fp 3.7 considerava-o como ‘lucro’.<sup>118</sup>

Esse zelo destrutivo fez com que Paulo queimasse pessoas, matasse homens e mulheres em suas moradias, acorrentasse, ameaçasse, açoitasse na sinagoga, forçasse as pessoas a negarem sua fé, entre tantos outros atos horrendos.<sup>119</sup> “Um zelo exagerado e destrutivo numa causa errada pode causar muitos danos, conforme Paulo descobriu à sua própria custa”.<sup>120</sup>

### **1.5.2 Intolerância teológica e zelo destrutivo no contexto cristão atual**

Assim como o zelo de Paulo gerou oposição aos cristãos, é possível que na atualidade as divergências teológicas gerem agressividade e falta de amor, mesmo que parta de um coração sincero e zeloso pela verdade. “A intransigência ortodoxa pode degenerar-se em exclusivismo e rancor. Marginaliza-se, então, quem professe diferente fé ou leia noutra cartilha, quando não é perseguido e maltratado. Assim atuou o Saulo fariseu (Gl 1.13-15).” Terrorismo em nome da fé nunca foi e nunca será construtivo, mas sempre um zelo destrutivo disfarçado de amor por Deus.<sup>121</sup>

Repercutiu mal, faz muitos anos, o zelo de um líder. Cobrando veementemente a santidade, mínimos deslizes motivavam a disciplina cirúrgica, com alarmante desfalque no rol de membros. Este é um meio de contabilizar prejuízos incalculáveis à causa. Temendo que a igreja desaparecesse do mapa, aproximou-se dele um crente idôneo e lhe foi franco: “Lembre-se de que você é imperfeito; procure recuperar os faltosos com sabedoria e amor, antes de lançá-los fora”. A rejeição ao diferente chega ao extremo. Não se contentando em cortar a convivência pacífica, tenta eliminar cruelmente a oposição, seguindo o modelo de Saulo de Tarso.<sup>122</sup>

Paulo, ao encontrar-se fazendo cumprir as mínimas leis, se achava um homem zeloso e temente a Deus. Mal sabia ele quanto seu zelo estava destruindo a obra de Deus. Assim é o homem cristão quando foca tanto nos pormenores. Ao ver-se “cumprindo” a vontade de Deus e sendo religioso, encontra-se no direito de julgar os demais pecadores por não fazerem o mesmo. Assim como Paulo desprezou os que ele considerava pecadores, também age assim o cristão com o zelo destrutivo.<sup>123</sup>

<sup>118</sup> POHL, 1999, p. 52.

<sup>119</sup> POHL, 1999, p. 52.

<sup>120</sup> GUTHRIE, 1999, p. 81.

<sup>121</sup> REIS, 2004, p. 90.

<sup>122</sup> REIS, 2004, p. 90.

<sup>123</sup> YOUNGBLOOD, 2004, p. 553-554.

## 2. CONCEITO POSITIVO DE ZELO

É necessário alertar que o zelo por si só não é prejudicial. Pelo contrário, é Palavra de Deus. O errado é o zelo exacerbado, que acaba por ser destrutivo e por fugir da vontade de Deus. Na vida de Paulo, pode ser visto como um falso zelo pode ser transformado e como Deus é um Deus zeloso. O próprio apóstolo, como se verá, chamava os homens ao zelo, porque se este for por amor a Cristo é ótimo e deve ser vivido (Jo 2.17). Será visto que “há um zelo positivo pelo bem-estar dos outros (2Co 7.7; 9.2), por aquilo que é justo (1Pe 3.13) e pelas boas obras (Tt 2.14), mas aqui, também, o amor deve preponderar sobre o zelo”.<sup>124</sup>

O bom zelo serve para edificação da Igreja, levando os cristãos a praticá-lo. O bom zelo opõe-se ao zelo destrutivo, colocando-se como um zelo justo e piedoso, pelas coisas do alto (1Co 12.31; 14.1). Deus não deseja um zelo fraco ou apagado e até mesmo alerta para a falta de zelo, pois o excesso e a falta de zelo não correspondem a vontade de Deus.<sup>125</sup> O zelo correto é um amor, não como emoção meramente, mas como um ato consciente de obediência, mostrando zelo apaixonado e ardente por Deus.<sup>126</sup>

### 2.1 Paulo e a transformação do zelo pela graça

Apesar de todo o zelo destrutivo de Paulo, a graça de Deus o alcançou no caminho para Damasco, enquanto destilava ódio contra a causa de Cristo. Ao ouvir claramente a voz daquele a quem perseguia (Cristo), teve uma grande reviravolta.<sup>127</sup> Isso levou Paulo a questionar tudo que acreditava:

...se estava disposto a reconhecer na cruz de Cristo a sentença de Deus sobre a autocompreensão que tinha até então, isto é, a condenação do esforço judaico para alcançar a justiça por meio do cumprimento das obras da lei. Ele, que inicialmente havia rejeitado essa pergunta com indignação e se havia tornado perseguidor da comunidade, dobrou-se em sua conversão sob o juízo de Deus. Pois justamente este é o sentido de sua conversão: a renúncia à autocompreensão que teve até então, isto é, a renúncia àquilo que até então fora norma e sentido de sua vida, o sacrifício daquilo que fora até então seu orgulho (Fp 3.4-7). Sua conversão [...] representou a sujeição obediente sob o juízo de Deus manifesto na cruz de Cristo.<sup>128</sup>

Ser achado em Cristo significa que Paulo não é mais encontrado na Lei (Fp 3.9). Agora toda a vida de Paulo é moldada pelo partilhar da morte e ressurreição de Cristo (Fp 3.10,11), e o processo de ser transformado em Cristo é contínuo na vida de Paulo.<sup>129</sup>

Dessa forma, Paulo transformou-se no defensor do movimento que tentou destruir. “Quando se deu conta de que Jesus, que ele perseguia, estava vivo e fora exaltado como Filho de Deus, isso expôs a fraqueza da lei judaica”. Viu na fé em Cristo a salvação. Sendo a fé o

<sup>124</sup> COENEN; BROWN, 2007, Vol. 2, p. 2685.

<sup>125</sup> BAUER, Johannes B. **Dicionário de teologia bíblica**. São Paulo: Loyola, 1978, p. 1170.

<sup>126</sup> COPPES, 1998, p. 1350.

<sup>127</sup> YOUNGBLOOD, 2004, p. 1086.

<sup>128</sup> BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2004, p. 243.

<sup>129</sup> POWERS, 2012, p. 992.

caminho, os gentios também poderiam ser aceitos por Deus, assim como os judeus. Isso foi umas das grandes implicações para Paulo.<sup>130</sup> Os textos de Gálatas, Filipenses e alguns outros, vistos anteriormente, mostram a transformação de um judeu zeloso em alguém zeloso pela causa de Cristo. Paulo entendeu no processo que Cristo é o fim da lei. Então, “Paulo abriu mão de sua justiça baseada na Lei para receber a justiça de Deus, que se baseia na fé em Cristo”. Grande confirmação disso é a defesa posterior de Paulo de que os gentios não necessitavam da circuncisão, pois Paulo entendeu que a justificação é pela fé em Cristo e não pelo zelo da lei.<sup>131</sup>

Mas como um zelo destrutivo transformou-se em um zelo pelo Evangelho? O que foi tão poderoso? Certamente a experiência pessoal com Cristo que causou tremenda mudança.<sup>132</sup> A experiência foi tremenda, que redirecionou seu zelo para feitos extraordinários como missionário. Guthrie aponta que talvez Paulo também quisesse compensar o dano que havia causado à igreja.<sup>133</sup> A transformação gerada na vida de Paulo não é e não pode se basear em experiências humanas. O fato do mais zeloso entre os seus, irrepreensível na lei e nas tradições, tornar-se um seguidor do Messias crucificado e pregador aos gentios, proclama a grande obra divina realizada na vida de Paulo.<sup>134</sup> “O nome que ele perseguiu será o mesmo que ele apresentará aos gentios, aos reis e ao povo de Israel, e sofrerá por causa desse mesmo nome”.<sup>135</sup> Paulo, antes defensor do judaísmo, agora rejeita suas tradições e aponta o zelo destrutivo do farisaísmo. Aponta a justiça falha e a religiosidade do grupo.<sup>136</sup>

O motivo de Paulo frequentemente chamar atenção para seu zelo anterior, tem o foco de “demonstrar a origem divina de um evangelho com poder suficiente para transformar um inimigo violento como ele em missionário zeloso”. Reforça como nenhum esforço ou filosofia humana teria poder para refrear seu zelo pelo judaísmo e pela lei.<sup>137</sup>

Difícilmente poderia ter havido um antagonista mais notório da Igreja Cristã. Sua transformação veio a ser, não somente um testemunho indisputável do poder de Deus, em benefício dos outros, mas também uma causa incessante de assombro para o próprio Paulo. Entre os estudiosos contemporâneos da lei e dos costumes judaicos, sentia que tinha poucos iguais. Ao invés de demonstrar orgulho nesta realização, Paulo fica maravilhado que Jesus Cristo tivesse vindo salvar um fanático farisaico tão empedernido quanto ele.<sup>138</sup>

Agora Paulo via tudo que considerava como lucro - a circuncisão, o sangue puro, o zelo da lei e a tradição - como perda. “Jesus é tão cabalmente diferente, tão novo, tão maravilhoso que os valores terrenos não desvanecem diante dele, mas o maior ganho interior que um ser humano puder ter torna-se ‘perda’!” Paulo abriu mão de muitas coisas: seu povo, sua tradição,

<sup>130</sup> YOUNGBLOOD, 2004, p. 1086-1087.

<sup>131</sup> POWERS, 2012, p. 994-998.

<sup>132</sup> CHAMPLIN, 1995, Vol 6, p. 122.

<sup>133</sup> GUTHRIE, 1999, p. 80.

<sup>134</sup> POWERS, 2012, p. 992.

<sup>135</sup> POWERS, 2012, p. 993.

<sup>136</sup> POWERS, 2012, p. 992,997.

<sup>137</sup> GUTHRIE, 1999, p. 80-82.

<sup>138</sup> GUTHRIE, 1999, p. 81.

seus preceitos, talvez até mesmo sua família, pela certeza de Cristo.<sup>139</sup> A palavra usada por Paulo para relatar o que significava sua antiga vida e seus costumes, em Filipenses 3.9, é esterco. No original, traz um peso bem grande: como estrume, excrementos humanos, lixo, comida apodrecida, algo extremamente desprezível. O que ele almeja agora é o conhecimento de Cristo.<sup>140</sup>

Depois de toda essa experiência, o zelo de Paulo é direcionado para a causa certa. Seu zelo preocupava-se agora com a igreja e a levava a procurar imitar a Cristo através de seu exemplo, como é visto fortemente na carta de Paulo aos Coríntios. O zelo transformando de Paulo pode ser comparado com o zelo de Deus, por cuidar da igreja para que essa não seja infiel (2Co 11.2) e para que a mesma seja fiel a Cristo, provocando a salvação deles (2Co 11.2).<sup>141</sup> “Paulo tinha um bom zelo em favor das igrejas que havia fundado, para que prosperassem no sentido espiritual” (2 Co 11.2).<sup>142</sup> Alegrava-se agora se os irmãos tivessem um zelo por Cristo (2 Co 7.11), se estavam ardendo pela obra missionária e se preocupando com o bem-estar uns dos outros.<sup>143</sup>

Foi visto que um zelo cego e destrutivo pode levar à perseguição da igreja, à morte, à uma vida espiritual reprovável perante Deus, mas um zelo transformado pode gerar um impacto maior ainda, pois, como visto na vida de Paulo, sua conversão influenciou não somente sua própria teologia, mas definiu o Cristianismo.<sup>144</sup>

## 2.2 O zelo santo de Deus: santidade, amor e fidelidade à aliança

O zelo de Deus está fortemente ligado com a sua santidade, pois são diferentes matizes de um mesmo atributo. “Ora, o zelo do Senhor opera em defesa da sua santidade, de tudo que lhe pertence, especialmente de seu povo”.<sup>145</sup> A Bíblia apresenta-O como Deus zeloso (Êx 20.5; 34.14; Dt 6.14s). Como está intimamente ligado com a santidade, o zelo com o seu próprio nome e com o sagrado é importantíssimo. Quando Deus está no centro, o seu zelo santo mostra-se muitas vezes até mesmo impetuoso e está totalmente ligado a Ele. Muitos são os exemplos de como Deus se importa com o seu zelo: “Uzá morreu ao tocar a arca (2Sm 6.6ss), o altar não deve ser tocado (Êx 29.37), os objetos sagrados nem mesmo podem ser vistos (Nm 4.18-20), o sagrado é transmissível (Lv 6.20s; Ez 44.19), etc”.<sup>146</sup>

O zelo ciumento de Deus decorre da sua relação como marido de Israel. Deus não permite que o seu povo se proste diante de outros deuses, isso é considerado idolatria e adultério, e quando isso ocorre, Deus age com ira e justiça (Ez 5.13; 8.3,5; 16.38). Deus castigou o povo por sua idolatria levando-os ao Exílio, mas depois voltou-se contra aqueles que maltrataram Seu povo. O zelo por Seu Nome é tamanho que toda terra sentiu sua ira (Sf

<sup>139</sup> HAHN, 2006, p. 236-237.

<sup>140</sup> MARTIN, 1985, p. 143-145.

<sup>141</sup> BAUER, 1978, p. 1172.

<sup>142</sup> CHAMPLIN, 1995, Vol 6, p. 886.

<sup>143</sup> COENEN, 2007, p. 2685.

<sup>144</sup> POWERS, 2012, p. 998.

<sup>145</sup> CRABTREE, 1977, p. 107.

<sup>146</sup> RAD, Von Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: ASTE, 1973, vol. 1, p. 208,210.

3.8).<sup>147</sup> O zelo de Deus também se volta contra os malfeitores e idólatras para castigá-los com sua ira divina (Dt 29.20; Nm 25.11).<sup>148</sup>

O que sustenta Sua santidade é o Seu zelo. Foi no culto que Israel conheceu essa característica de Deus, revelando sua essência. Referente ao zelo, Deus é a pessoa no mais alto grau de intensidade quanto ao Seu Nome.<sup>149</sup> “O seu zelo é despertado principalmente pelo culto que o seu povo presta a deuses falsos (1Rs 14.22; Dt 32.21). O Senhor tem zelo pelo seu santo Nome (Ez 39.25); pela sua terra (Jl 2.18); por Jerusalém e por Sião (Zc 1.14); e por seu povo (Ez 36.6-15)”.<sup>150</sup> Ele deseja ser único para Israel, o que está intrinsicamente relacionado ao primeiro mandamento. Seu exclusivismo é intransigente, o que não é visto em mais nenhuma religião. “Javé é o Deus de Israel eternamente desde sempre (Sl 44.2; 74.2,12)”. Somente Deus pode ser o Deus de Israel, pois não existe outro: “Antes de mim nenhum deus se formou, nem haverá algum depois de mim (Is 43.10b)”.<sup>151</sup>

O zelo de Deus não se refere apenas a castigo, ele também opera para bem e salvação. Assim foi para com os exilados, fazendo-os retornar (Is 42.13). Ele está constantemente agindo por Seu povo, seu zelo cuida de sua noiva para que ela esteja preparada para a sua vinda. O zelo de Deus é permeado por sua graça e amor eterno.<sup>152</sup> É revelado em misericórdia para aqueles que O temem e é mostrado no cuidado contra as outras nações.<sup>153</sup>

No Novo Testamento, pode-se ver esse mesmo zelo na figura do Filho, quando os discípulos lembram do Salmo 69.10 ao verem Jesus purificando o templo na passagem de João 2.17<sup>154</sup>: “Seus discípulos lembraram-se que está escrito: ‘O zelo pela tua casa me consumirá’” (Jo 2.17). “Os piedosos (especialmente o Messias) são, portanto, consumidos por um ardor (ciúme) que os leva a exaltar a Deus mediante a manutenção da pureza da adoração (Sl 69.9) e a pureza da obediência no que diz respeito a toda a palavra de Deus (Sl 119.139)”.<sup>155</sup> Jesus possuía um forte zelo pela casa de Deus e pela lei de Deus. Frente a impiedade apresentada no templo, foi levado a agir contra a impiedade e a falta de zelo dos comerciantes.<sup>156</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou como os textos bíblicos revelam como Deus é um Deus zeloso e que se importa com o cuidado de Suas coisas. Além disso, revela como o zelo pode ser construtivo ou destrutivo. Exemplo disso são os fariseus, que embora conhecessem muito as Escrituras, impunham um fardo pesado para o povo que os impedia de seguir a Deus. A vontade de Deus era que amassem a Deus de todo o coração, mas o seu zelo excessivo fez com que amassem mais as regras e as coisas. Saul, por sua vez, aparentava ser zeloso, mas

<sup>147</sup> COPPES, 1998, p. 1349-1350.

<sup>148</sup> COENEN, 2007, p. 2684-2685.

<sup>149</sup> RAD, 1973, p. 211-216.

<sup>150</sup> CRABTREE, 1977, p. 107.

<sup>151</sup> RAD, 1973, p. 211-216.

<sup>152</sup> COPPES, 1998, p. 1350.

<sup>153</sup> COENEN, 2007, p. 2684-2685.

<sup>154</sup> **Enciclopédia temática da Bíblia**. São Paulo: Shedd, 2012, p. 398.

<sup>155</sup> COPPES, 1998, p. 1350.

<sup>156</sup> BAUER, 1978, p. 1170.

tinha motivos por trás de sua espiritualidade. Seu falso zelo destrutivo levou o povo a pecar. Os zelotes, em seu ardor matavam em nome de Deus e Paulo, que por zelar pela lei, perseguiu, aprisionou e matou cristãos. Querendo mostrar amor por Deus, perseguiu o próprio Deus na pessoa de Jesus.

Quando há zelo excessivo, o resultado é sempre esse ir contra a vontade de Deus. É necessário um equilíbrio entre o excesso de zelo e a falta de zelo para que Deus se agrade do Seu povo e a Sua vontade seja feita. Esse equilíbrio só pode ser alcançado ao conhecer a vontade de Deus na Palavra e como Ele tratou o assunto, assim como observar a perspectiva histórica e bíblica e ver o que deve ou não ser feito.

As consequências do zelo destrutivo são diversas. Apresentam-se em uma igreja que se preocupa muito mais com formalismo do que com a essência bíblica; imita o exemplo dos fariseus e se importa muito mais com a regra do que com a própria vida; não anseia por revitalização e sempre se mantém a mesma e não alcança novas pessoas; importa-se mais com dinheiro do que missões; dá mais importância a prédios do que a discipulado e, ainda, por querer defender a Palavra do mundanismo, fica bitolada e alheia às novas culturas e perde pontes de contato com os não cristãos.

O que Deus deseja é uma vida equilibrada - essa é a vontade de Deus. O equilíbrio é a chave para a vida cristã e isso se aplica também ao zelo.<sup>157</sup> Como afirma Stott, o equilíbrio no zelo é tudo: “Dou graças a Deus pelo zelo. Que jamais o conhecimento sem zelo tome o lugar do zelo sem conhecimento! O propósito de Deus inclui os dois: o zelo dirigido pelo conhecimento, e o conhecimento inflamado pelo zelo”.<sup>158</sup> A pessoa que zela pela vontade de Deus mostra-se permeada de amor e da direção do Espírito Santo, pois quando Ele não está presente, o homem está suscetível a erros terríveis.

Esse zelo perigoso ainda está presente no contexto eclesiástico e na vida das pessoas. Apenas as formas com que o zelo destrutivo se apresenta mudaram, mas no cerne ele age da mesma forma, deturpando o Evangelho, levando pessoas ao ódio, intolerância, ao erro e principalmente, a fugir da vontade equilibrada de Deus. É importante ver de forma prática como ele pode se apresentar para que, assim, ele possa ser identificado e evitado nas Igrejas e pelas pessoas de Cristo. Assim, somente um zelo moldado pelo Espírito Santo, enraizado na verdade do Evangelho e expresso em amor, pode preservar a Igreja tanto da apatia espiritual quanto do legalismo destrutivo, conduzindo-a a uma vivência fiel, saudável e redentora da fé cristã.

## REFERÊNCIAS

- BALDWIN, Joyce. **1 e 2 Samuel**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1997. 336 p.
- BARCLAY, W. **Palavras chaves do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 206 p.

---

<sup>157</sup> MODES, Josemar. **Aula da disciplina de missão integral e responsabilidade social**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 02 dez. 2021.

<sup>158</sup> STOTT, John R. W. **Crer é também pensar**. São Paulo: ABU, 2001, p. 7.



- BAUER, Johannes B. **Dicionário de teologia bíblica**. São Paulo: Loyola, 1978. 1173 p.
- BEEK, Joel R.; JONES, Mark. **Teologia Puritana: doutrina para a vida**. São Paulo: Vida Nova, 2016. 1504 p.
- BUCKLAND, A. R. **Dicionário bíblico universal**. 6.ed. Miami: Vida, 1981. 453 p.
- BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2004. 925 p.
- CARSON, D. A. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009. 2176 p.
- CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia teologia e filosofia**. Tradução de João Marques Bentes. 3.ed. São Paulo: Candeia, 1995. Vol. 6. 1027 p.
- CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo: Deuteronômio, Josué, Juízes, Rute, I Samuel, II Samuel, I Reis**. São Paulo: Hagnos, 2001. Vol. 2. 1460 p.
- COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2007. Vol. 2. 2773 p.
- COPPE, Leonard J. Qānā In: HARRIS, R. L; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998. P. 1349.
- CRABTREE, Asa Routh. **Teologia do Velho Testamento**. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1977. 310 p.
- CROCETTI, Giuseppe. **1-2 Samuel; 1-2 Reis**. São Paulo: Paulus, 1994. 170 p.
- DAVIS, John D. **Dicionário da Bíblia**. Rio de Janeiro: JUERP, 1989. 660 p.
- ENCICLOPÉDIA temática da Bíblia**. São Paulo: Shedd, 2012. 399 p.
- GUTHRIE, Donald. **Gálatas: Introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1999. 208 p.
- HAHN, Eberhard. **Cartas aos Efésios, Filipenses e Colossenses: comentário esperança**. Curitiba: Esperança, 2006. 382 p.
- KEMP, Jaime. **Pastores em perigo: ajuda para o pastor, esperança para a igreja**. São Paulo: Hagnos, 2006. 253 p.
- MARTIN, Ralph P. **Filipenses: introdução e comentário**. São Paulo: Mundo Cristão, 1985. 186 p.
- MESQUITA, Antônio Neves de. **Estudo nos livros de Samuel; primeiro livro dos Reis de Israel**. Rio de Janeiro: JUERP, 1979. 196 p.
- MODES, Josemar Valdir. **Aula da disciplina de missão integral e responsabilidade social**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 02 dez. 2021.

MULLER, D. Fariseu. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. Vol. 1. p. 798-803.

POHL, Adolf. **Carta aos Gálatas**: comentários esperança. Curitiba: Esperança, 1999. 208 p.

RAD, Gerhard von. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: ASTE, 1973. Vol. 1. 482 p.

REIS, Francisco Mancebo. **Além da letra**: reflexões sobre a palavra viva e eficaz. Rio de Janeiro: JUERP, 2004. 144 p.

SCHACH, Vanderlei A. **Fariseus e Jesus**: teologia e espiritualidade em relação ao sábado a partir de Mc 3.1-6: características e avaliação crítica. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2007. 200 p.

SCHULTZ, Samuel J. **Panorama do Antigo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. 280 p.

SOCIEDADE Bíblica Internacional. **Bíblia Sagrada**: nova versão internacional. São Paulo: Vida, 2000. 1040 p.

SOEIRO, Rodrigo. **Obedecer é melhor que sacrificar**. Igreja Central, ago. 2015. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=W3tESKXiaJ0&ab\\_channel=IGREJACENTRAL](https://www.youtube.com/watch?v=W3tESKXiaJ0&ab_channel=IGREJACENTRAL)>. Acesso em: 21 jun. 2022.

STOTT, John R. W. **Crer é também pensar**. São Paulo: ABU, 2001. 59 p.

WALTON, John H. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2018. 1088 p.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. São Leopoldo: Sinodal, 1998. 416 p.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo Testamento: volume II, histórico. Santo André: Geográfica, 2006. 735 p.

YOUNGBLOOD, Ronald F. (org.). **Dicionário ilustrado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2004. 1475 p.

YOUSSEF, Michael. **O estilo de liderança de Jesus**. Belo Horizonte: Betânia, 1987. 168 p.